

# Queimando os barcos...

5.VII, 52

RAUL PILLA

**A**NUNCIA-SE que o Diretório Nacional da União Democrática Nacional vai reunir-se próximamente para considerar a reforma parlamentarista e adianta-se que, sem lhe entrar no mérito, se pronunciará contra a sua oportunidade, uma vez que, sob o atual governo, não é conveniente ou aconselhável qualquer reforma constitucional. E, assim, o que se tem definido como o partido das questões abertas, acabaria fechando, justamente, a menos fechável das questões, por se tratar de princípio não previsto no programa partidário.

Que direito teria, com efeito, o Partido, de impedir os seus membros parlamentaristas de aproveitar a oportunidade, de ver triunfantes os próprios ideais? Haveria alguém, no Diretório da União Democrática, com bastante autoridade moral e intelectual para impedir, por exemplo, o velho parlamentarista José Augusto de defender e votar a emenda de que é um dos primeiros signatários? Seria simplesmente absurdo. Se há parlamentaristas tão desconhedores das virtudes do sistema, que temam vê-lo praticado, éles que o abandonem. Impôr, porém, a todos a rejeição, em nome de uma suposta conveniência política, seria uma violência, em que não posso acreditar.

Demais, desde que se queira transpôr a questão para o terreno estritamente político, outra deveria ser a tática. Temese qualquer emenda constitucional por causa do atual governo, mas é justamente a delicada situação política de que este governo se tornou centro, o que poderia vir a indicar a reforma como remédio heróico. A mais elementar prudência aconselharia que, em vez de a sepultar agora, a deixassem seguir os seus demorados trâmites, para somente em última instância a condenar, se tal ainda fôsse o caso. Ninguém destrói a ponte, ou queima os barcos que lhe poderão garantir a retirada. Ninguém, a não ser um comandante insensato.